

Resumo de dissertações

O professor, o saber e o laço de educar

Maria Alice Moreira Lima¹

A complexidade das questões que envolvem o tema da educação tem exigido, de quem por ele se interessa, uma constante busca de novos modos de análise e interpretação. Essa busca justifica-se em função das inúmeras dificuldades impostas pela tarefa de educar, quer seja no âmbito familiar, nas instituições que se dedicam a esse ofício ou ainda, naquelas que, em algum momento, dele precisam lançar mão.

Educar tem sido sinônimo de dificuldades. Nas escolas, em qualquer nível que se tome, continuamente se escutam queixas, vindas de todos os lados, que traduzem essas dificuldades das mais diversas formas. Alunos queixam-se de dificuldades de concentração, falta de motivação e interesse, da desorganização da estrutura escolar, da inabilidade do professor para conduzir os cursos, etc. Os professores, por sua vez, denunciam e confirmam a falta de interesse de seus alunos, a falta de uma formação básica mais consistente destes, o desrespeito à sua autoridade de professor, as precárias condições de trabalho a que têm se submetido, etc. A direção das escolas, por sua ótica, tem se queixado praticamente das mesmas questões.

Entre os diversos ângulos possíveis de abordagem do “fenômeno educacional”, a sala de aula tem se destacado como um importante e privilegiado local de análise, uma vez que se constitui em um *locus* essencial do processo educacional. Local privilegiado, onde, de fato, são vividos os desafios, conflitos, sucessos e fracassos dos projetos educacionais; onde professores e alunos cotidianamente se encontram estabelecendo laços com a suposta finalidade de construir um aprendizado. E é precisamente na direção do que acontece entre professores e alunos, nessa difícil tarefa de educar, que se seguiu nesta pesquisa.

Diferentemente da maior parte das pesquisas realizadas sobre educação e, mais especificamente, sobre a relação professor aluno, neste trabalho de pesquisa buscou-se situar e discutir o problema à luz da teoria psicanalítica. Entendendo-se aqui que a abordagem da relação entre professor e aluno, através da Psicanálise², poderia abrir um novo e rico espaço de reflexão, pois, conforme assinala Fink (1998), a Psicanálise apresenta-se como um discurso capaz de

¹ Orientadora: Prof^ª Dr^ª Pura Lúcia Oliver Martins – Mestrado em Educação – UFMG.

² A teoria psicanalítica foi abordada através de referências às contribuições teóricas de Freud e Lacan extraídas de alguns de seus textos que tratam do assunto, não se restringindo ao exame de uma ou outra obra específica.



analisar a estrutura e o funcionamento de outras disciplinas, e não apenas como um discurso a mais na cultura. Acreditou-se, dessa forma, que muitas das questões sobre educação, que insistem resistindo às abordagens tradicionais poderiam ser redimensionadas por uma análise psicanalítica.

Buscou-se então, seguindo a orientação de um modelo psicanalítico de investigação, verificar quais seriam as posições adotadas pelo professor em relação ao seu aluno e qual seria, nesta relação, o lugar atribuído, por ele, ao saber. Por fim foram discutidas as conseqüências das posturas assumidas pelo professor, as quais, como se verá, irão afetar os dois pólos da relação educativa.

O ponto de partida, foi o exame das pioneiras tentativas de aproximação entre esses dois campos, psicanálise e educação, empreendidas por psiquiatras brasileiros no início do século XX. Como se verificou as articulações entre esses campos, nesse período, foram marcadas pelo caráter prescritivo e unilateral das análises dos problemas educacionais, fortemente influenciados pelo modelo médico tradicional de abordagem de clientes e sintomas: posição consideravelmente diferente das reflexões de Freud acerca da educação que, em vários aspectos, oferecem indicações que se contrapõem ao modelo de abordagem implementado pelos pioneiros da psicanálise no Brasil. Como se observou, muitas das preocupações de Freud sobre a relação entre a psicanálise e a educação – as possibilidades de aplicação, as características necessárias ao educador, os efeitos de uma transposição de situações (da clínica para a educação), etc. – não foram consideradas pelos médicos que, no Brasil, implementaram essa articulação. Aspecto digno de nota, considerando-se ser o texto freudiano a referência utilizada por esses psiquiatras.

Ainda no âmbito da análise das aproximações entre psicanálise e educação examinou-se o conhecido texto de Catherine Millot (1987), *Freud Antipedagogo*, do qual foi possível apreender uma abordagem das questões educativas mais próxima do texto freudiano e de sua releitura empreendida por Lacan. Das conclusões de Millot (1987) depreende-se que, por razões estreitamente ligadas aos fundamentos teóricos da psicanálise, não é possível a existência de uma pedagogia psicanalítica. Ao fundar-se no conceito de inconsciente, a psicanálise colocou em evidência o avesso da educação, dedicando-se a explicitar exatamente aquilo que insiste, resistindo aos esforços educativos: a força da pulsão. Além disso, apontou os danos causados pela repressão desta, tarefa da qual a educação é uma das principais responsáveis e que resultam no sofrimento psíquico do indivíduo. Logo, não se pode esperar da teoria de Freud nenhuma contribuição que venha aumentar a eficiência dos processos educacionais, pois isso significaria a negação de suas descobertas mais fundamentais.

Na esteira dessas conclusões prosseguiu-se em direção ao objeto central de investigação desse trabalho: o lugar do saber na relação professor aluno e seus efeitos. O que se verificou, a partir de uma análise freudo-lacanianana da relação professor aluno, conduziu a presente pesquisa a uma estranha situação:



por um lado, constatou-se que a educação representa uma tarefa necessária sob o ponto de vista da manutenção da civilização através da formação do indivíduo civilizado; por outro, foi possível compreender que a educação, enquanto laço, exige a anulação do 'sujeito/desejo', em prol do saber, pretensamente totalizante, que veicula. No ato de educar, o saber, encarnado pelo professor, se imporia ao aluno exigindo dele um 'tudo saber' como resposta ao mal-estar de existir. Nesse sentido poderia-se pensar o laço de educar como uma estrutura que carrega seu próprio fracasso. Constituído-se em mais uma tentativa de silenciar a dor de existir e que obteria, como efeito, o grito revoltado do sujeito, reivindicando sua ex-sistência³. Ex-sistência que se coloca para além de qualquer ordem com a qual se pretenda aprisioná-la, visando a conferir-lhe uma unidade.

Por fim, questionou-se o que professores e educadores de um modo geral poderiam fazer a partir dessas constatações. O que se apresenta como resposta, no horizonte das teorizações psicanalíticas, aponta para um enfrentamento de tais questões sob o ponto de vista de uma ética que, apoiada nas formulações de Lacan sobre o que denominou "ética da psicanálise", foi definida por Badiou (1995) como possuindo um sentido diverso dos até então atribuídos ao termo. Ao invés de apoiar-se em categorias abstratas (o homem, o Direito, o Outro,...) a ética da psicanálise refere-se a situações, processos singulares que remetem, em última instância, à verdade da falta, cerne da existência humana. Nessa concepção, para além das obrigações morais com as quais se depara o sujeito, este deve se defrontar com a exigência ética que emerge da falta e o faz desejar.

Aos professores caberia então, nessa perspectiva, enfrentar a singularidade dos desejos de seus alunos e os seus próprios sem ilusões quanto à possibilidade de silenciar-los com qualquer saber. Enfim, que pudessem conviver com esse fato que demarca algo de impossível na tarefa de educar. Esse trabalho de pesquisa e as reflexões que suscitou apontaram, como uma alternativa, o caminho da assunção dessa impossibilidade que diz respeito à condição de sujeito: a impossibilidade de que haja um saber, qualquer saber, que possa significar a existência. Impossibilidade apontada por Freud e que é, diferentemente do domínio da impotência, solidária desse projeto ético. Entende-se aqui que, ao poder separar aquilo que é da ordem do impossível, os sujeitos poderão se sentir livres do trabalho de negar essa impossibilidade. Enfim, sentir-se-ão livres para criar.

Tal é o desafio que a psicanálise propõe ao educador: tecer, juntamente com seu aluno, no vai-e-vem de saberes e afetos, a singularidade de seus desejos!

³ A idéia da ex-sistência do sujeito está associada à sua condição de efeito da relação entre dois significantes. O termo, segundo Fink (1998, p.151) tem como significado "ficar do lado de fora de" e é utilizado por Lacan para "falar a respeito de uma 'existência separada de', que insiste, digamos assim, do lado de fora". Tal é a essência do sujeito para a psicanálise lacaniana, ex-sistir a partir da cadeia significante.